

## REPRESENTAÇÕES DO TRANSTORNO AFETIVO BIPOLAR SOB UMA PERSPECTIVA DE GÊNERO NA SÉRIE SPIN OUT: ANÁLISE DE IMAGENS EM MOVIMENTO<sup>1</sup>

Laila Jesus SANTOS<sup>2</sup>; Renata Barreto MALTA<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> Grupo de trabalho 8: Estudos Críticos sobre identidade, gênero e raça

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Sergipe. Brasil: lailajesus0708@gmail.com

<sup>3</sup> Professora Doutora do Departamento de Comunicação Social e Vice-coordenadora do PPGCOM da Universidade Federal de Sergipe. Brasil: renatamaltarm@gmail.com

### RESUMO

As representações são construídas, estimuladas e absorvidas pelo imaginário popular, com potencial para produzir efeitos diversos a curto, médio e longo prazo. Marcadores como gênero e loucura, por exemplo, ainda hoje colhem os frutos de representações midiáticas irresponsáveis. Sendo assim, as diferentes formas como os atravessadores de gênero e loucura são abordados na mídia interferem direta ou indiretamente na forma como os estereótipos, que inferiorizam e limitam social e politicamente diferentes grupos, chegam ao público. Por isso, tendo em vista o impacto que os debates de gênero e saúde mental têm numa sociedade marcadamente patriarcal e psicofóbica, sobretudo no contexto do consumo midiático potencializado com o streaming, o presente estudo tem como objetivo compreender como acontecem as representações do Transtorno Afetivo Bipolar sob uma perspectiva de gênero na série Spin Out.

A proposta do presente estudo é responder o questionamento: o modo como a ficção televisiva seriada expõe os sintomas e as características do Transtorno Bipolar nas mulheres reproduz estereótipos potencialmente problemáticos? A partir da busca por responder a essa pergunta, temos como objetivo analisar os aspectos visual e sonoro da série, elencar eixos categóricos representativos e confrontá-los com a visão de profissionais de saúde mental. Para tanto, foi usada como metodologia a Análise de Imagens em Movimento, de Diane Rose (2002), com suporte posterior da entrevista semiestruturada com três profissionais de saúde mental, um psiquiatra e dois psicólogos, que analisaram e comentaram cada eixo categórico individualmente.

Para dar aporte teórico à metodologia, apostamos em autoras que trabalhassem a perspectiva da representação feminina, como Marcela Lagarde Y De Los Rios (2005) e Ana Carolina Maoski (2020). A grande contribuição de Lagarde Y De Los Rios foi a categorização de cinco espaços representativos que a mulher ocupa na estrutura patriarcal: as mães solteiras, putas, santas, presas e loucas. Enquanto isso, as contribuições de Maoski aconteceram no âmbito da familiaridade com o objeto, posto que a autora analisou um movimento semelhante, a representação do encarceramento feminino em novelas da Globo. Além desses dois grandes pilares, também enriquecemos nosso arcabouço teórico embasando os conceitos de representação e estereótipo, com Stuart Hall (2016), e se debruçando sobre o que constitui a loucura, com Michel Foucault (1978).

Como resultados, notamos que a série cria representações cientificamente coerentes com a realidade de pacientes mulheres, sobretudo nos eixos categóricos que abordam episódios de crise e automutilação. Todavia, a produção audiovisual se equivoca justamente na representação de momentos mais vulneráveis do transtorno, aqueles que, de fato, buscam traduzir visualmente o que é a doença. Em alguns momentos, as representações de crises das personagens remetem ao imaginário de histeria que associa mulheres à loucura de forma patologizante e degradante. Além disso, um último fator de preocupação foi a ausência de pedidos de ajuda na série, que coloca as personagens na posição de solidão e inexistência de uma rede de apoio, que as fada para o fracasso

e para o movimento cíclico de crises. Por fim, pontuamos a relevância de produções audiovisuais que busquem representar de modo responsável transtornos de saúde mental.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOUCAULT, Michel. **História da loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1978.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Tradução de Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio: Apicuri, 2016.

LAGARDE Y DE LOS RÍOS, M. **Los cautiverios de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas**. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2005. Disponível em: <https://desarmandolacultura.files.wordpress.com/2018/04/lagarde-marcela-los-cautiverios-de-las-mujeres-scan.pdf> Acesso em: 10 de janeiro, 2024.

MAOSKI, A. C. **Entre o melodrama e a loucura: telenovelas brasileiras e a representação do encarceramento feminino em hospitais psiquiátricos**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2020.

ROSE, D. Análise de Imagens em Movimento. In: BAUER, Martin W; GASKELL, George. (org). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.